

Erosão ameaça levar casas na Ceilândia

A morte da estudante Ana Cláudia Souza, de 18 anos, arrastada por uma enxurrada na noite de quinta-feira, deixou ainda mais apreensivos os moradores de Ceilândia com o problema da erosão, que costuma se agravar no período das chuvas. Em quase todas as quadras da cidade-satélite é possível encontrar depressões, buracos e até enormes valas que ameaçam causar danos às casas vizinhas, e onde é grande a proliferação de ratos e insetos.

Na QNP 11, Setor Norte de Ceilândia, um desses buracos, originados pela erosão, atingiu proporções gigantescas e já estava a seis metros da residência mais próxima quando, no último sábado, foi parcialmente aterrado por ordem do governador Joaquim Roriz, que esteve no local no dia anterior. Roriz prometeu acabar com o problema, mas o trabalho realizado pela Novacap foi considerado pelos moradores como apenas um paliativo: a terra e o entulho colocados não chegaram sequer a cobrir metade da extensão do buraco.

Drenagem

"Isso não vai adiantar de nada", criticou o morador Francisco Silva. "Quando a chuva vier novamente, vai carregar tudo". Francisco, como os demais moradores da área, acredita que a solução definitiva para o problema só virá após a drenagem do terreno, prometida pelo governador em sua visita, mas ainda não posta em execução. "Enquanto a drenagem não for feita a gente vai vivendo com medo", disse o morador. Até a visita de Roriz, relatou Francisco, nada menos que cinco abaixo-assinados foram entregues pelos moradores para que o governo tomasse alguma providência, mas nada foi feito.

A algumas quadras dali, na QNP 26, crianças bricam de pular dentro da vala aberta pelas chuvas de março de 1987, ou seja, há dois anos. A fenda é profunda, e a brincadeira consiste em cair exatamente onde não há água. Nos dias normais, o pulo de um lado para o outro é dado pelas crianças não por diversão, mas para poder chegar à escola, separada das casas justamente pela vala.

Em ambos os casos, o perigo é o mesmo. Foi por brincar na água suja que corre pela fenda que a garotinha Karina, 9 anos, se deparou com um problema incomum às meninas de sua idade. Os cabelos dela começaram a cair de forma rápida, e no lado esquerdo da sua cabeça eram raros os fios quando a mãe de Karina resolveu buscar ajuda médica. O diagnóstico foi simples: a causa da queda dos cabelos foi uma



Leopoldo Silva

João Gualberto mostra a erosão próxima de sua casa, no setor P Sul, que vem crescendo rapidamente e tirando o sono da família

doença contraída nas constantes brincadeiras da menina, na vala.

Acidentes

Não são apenas as doenças infecciosas que estão sujeitos os moradores do local. Há casos mais comuns, que acontecem principalmente nas noites de chuva. Desavisadas, muitas pessoas acabam caindo na vala, algumas vezes fraturando membros. "Semana passada mesmo caiu um homem aqui e perdeu dois dentes", conta a moradora Angelita Bárbara. Ela reclama que até hoje nada foi feito, a não ser cobrir a fenda com terra, levada logo às primeiras chuvas. "Aqui parece que precisa morrer alguém para que o governo dê jeito", diz Angelita, preocupada com a possibilidade de uma tragédia. "Se cair uma pessoa na vala pode haver o mesmo que aconteceu com a menina (Ana Cláudia): a chuva vai carregar", prevê a moradora.